

Globalização: para quem?

Fadel David Antonio Filho*

Resumo

A Globalização corresponde às profundas transformações pelas quais passam as sociedades humanas ou se refere, tão somente, aos acontecimentos de ordem econômica, em escala planetária, neste fim de milênio? Mas, a Globalização serve para quem? Os países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos estão cada vez mais endividados e dependentes, as populações pobres do Terceiro Mundo estão cada vez mais miseráveis, o meio ambiente deteriora-se e o capitalismo internacionaliza a mais valia, o consumo e a produção. A Globalização alavancada na tecnologia de ponta, nas comunicações e nos transportes modernos, apresenta, também, o seu lado perverso, destruindo as culturas e submetendo os povos pobres do mundo.

Palavras-chave: Globalização, dependência econômica, pobreza, capitalismo internacional, transnacionais, neoliberalismo.

Abstract

The globalization concern to the intenses transformations suffer by the human society or in addition, will it be only related to the occurrence of economical order, in planetary scale, in that finished millenium? But, the globalization, who is in it to take advantage of? The developings countries or subdevelopment countries are every more and more indebted and dependent, the poor populations from the Third World are every more and more miserables, the environment in no time to grow worse and the

* Prof. do Departamento de Geografia – IGCE/UNESP–Rio Claro (SP).

capitalism to internationalize an increase in value, the trading and the production. The globalization feed on of advanced technology, in communications and modern transports, but, on the contrary, it has one devilish face, destroying the cultures and to keeping down the poor peoples of world.

Key-words: Globalization, economical dependence, poverty, international capitalism, transnationals, neoliberalism.

Características da globalização

Neste fim de milênio, estamos vivenciando o fenômeno da globalização. Mas, o que é afinal a globalização?

Para muitos, corresponde às profundas e dramáticas transformações pelas quais passam as sociedades humanas, na atualidade; para alguns, o termo deveria se referir, tão somente, aos acontecimentos de ordem econômica, em escala planetária.

Exatamente em razão da escala do fenômeno e da sua abrangência mundial é que a chamada globalização apresenta características únicas e até então nunca registradas na história da humanidade. O desenvolvimento tecnológico de ponta ("high-tech") por exemplo, em especial nas comunicações e informações e nos transportes, trouxe rápida difusão das idéias, contribuindo de modo significativo para estabelecer uma nova visão do mundo. Em termos econômicos, observa-se uma grande e acelerada difusão por todo o mundo, das atividades tais como da produção, do consumo, da troca de bens e serviços, do deslocamento virtual de imensos volumes de capital e do uso de tecnologia moderna. Tudo isso em consonância com os planos estratégicos das grandes corporações transacionais, principalmente em decorrência do colapso das economias de planificação central ou dos planejamentos governamentais.

Estamos assistindo ao rearranjo de forças do sistema capitalista, com o surgimento de uma nova divisão internacional do trabalho, mais assimétrica e conseqüentemente mais perversa.

Como explica SANTOS (2000:23): "*a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista*".

Através de órgãos como o FMI¹, a OMC² (ex-GATT³) e o Banco Mundial⁴, amplamente dominados pelos países desenvolvidos, em especial pelo chamado Grupo dos Sete (G-7⁵), estabelecem-se as políticas econômicas para o mundo, em especial com relação aos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos.

A pressão para uma maior abertura das economias é concretizada no termo "liberalização", e objetiva obrigar os governos a adotarem políticas de redução das barreiras comerciais e sobre a mobilidade dos capitais vinculados aos fatores de produção e investimentos. Entretanto, a integração econômica internacional leva cada vez mais a uma interdependência das economias nacionais e a sujeição às regras do mercado mundial, dominado pelas grandes corporações transnacionais.

O exemplo disso pode ser entendido num escrito sobre o assunto, publicado no periódico uruguaio *Revista del Sur* (*apud* Enciclopédia do Mundo Contemporâneo, 1999:64): "*O termo globalização é empregado para esconder a realidade das atuais atividades das multinacionais, ou seja, o objetivo de transnacionalizar o mundo e, em particular, o mundo em desenvolvimento.*

"A globalização, a integração dos países em desenvolvimento e a economia mundial significam, na realidade, a expansão das atividades multinacionais aos países em desenvolvimento, sob condições fixadas por elas mesmas".

¹ Fundo Monetário Internacional.

² Organização Mundial do Comércio.

³ Acordo Geral de Tarifas e Comércio.

⁴ BIRD.

⁵ EUA, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Canadá e Japão.

Globalização para quem?

Quando se trata de produtos criados pela tecnologia moderna, há quase um consenso em considerá-los benéficos e responsáveis pela melhoria da qualidade de vida do homem. Mas, igualmente há consenso que uma parte considerável (se não a maioria) da humanidade não se beneficia desses produtos, pelo menos de forma direta.

Que o mundo tornou-se "pequeno", as distâncias "mais curtas" e que somos uma "aldeia global" são imagens ou figurações que expressam a idéia da relatividade do tempo/espço, mas também do senso comum em lidar com a rapidez das mudanças proporcionadas pela tecnologia e com efeitos imediatos no cotidiano e na percepção das pessoas.

Nos Século XVII ou Século XVIII, uma nau levava várias semanas para efetuar a travessia do Atlântico, no trajeto entre a Europa e o Continente Americano. Hoje, um avião a jato comercial necessita somente algumas horas para realizar o mesmo trajeto. Se retrocedêssemos mil anos, chegaríamos ao tempo da Europa Medieval dos pequenos reinos e cidades - Estados cristianizados, num período de franca expansão das rotas comerciais para o Extremo Oriente. Guardadas as devidas proporções, assistia-se, naquele momento histórico, a uma forma de "globalização" do comércio através dos mercadores venezianos e genoveses. Naturalmente, as idéias de espaço/tempo no cotidiano e na percepção das pessoas daquela época eram diferentes das que temos atualmente. No início daquele segundo milênio (que oficialmente terminou agora no ano 2000), as notícias das guarnições mais avançadas dos Cavaleiros Cruzados, na Terra Santa, levavam anos para chegarem a Europa. E, naturalmente, passadas via oral, essas notícias sofriam distorções e acréscimos na medida em que progrediam pelos caminhos, pelas estalagens, pelas aldeias e pelos castelos. Os irmãos Polo (1.145 a.D.), por exemplo, precisaram de décadas para viajarem e retornarem da China com as novidades do Império de Cablai Cã. O Islã surgia como ameaça ao mundo cristão e os exércitos mongóis eram confundidos com os

lendários povos Gog e Magog, que prenunciavam o fim dos tempos. Hoje, em questão de minutos sabemos, via satélite, dos acontecimentos, ocorram eles em qualquer parte do Globo. Neste início do terceiro milênio, nossos temores são outros: acidente nuclear, AIDs, terrorismo, perda do emprego, etc.

Contudo, para quem a globalização é benéfica? Para quem o mundo é uma "aldeia global"? Com certeza, os primeiros beneficiários são as grandes corporações transnacionais da indústria e do capital financeiro. Seguem-se os governos que adotam uma política neoliberal e as classes sociais abastadas. Quem lucra e usufrui? Evidentemente quem tem meios econômicos para produzir, comprar ou ter acesso aos produtos e serviços globalizados. Por exemplo, os automóveis mundiais, os computadores e a rede mundial de informação (INTERNET) ou dispor de dinheiro para as viagens transcontinentais. Para essas pessoas, a globalização é real, existe, mesmo que o preço a pagar seja muito alto. Isto pode significar, inclusive, uma ameaça à soberania do país, comprometendo suas forças produtivas e o bem-estar da população em geral. Para as classes dirigentes, esse alto preço se justifica pela busca da decantada "modernidade", mas que traz embutida acordos desvantajosos, sujeição política, submissão aos interesses dos países desenvolvidos e imensos sacrifícios da população. Nesses tempos de globalização, não necessariamente em razão deste fenômeno, torna-se uma constatação cada vez mais comum a alienação e insensibilidade desses grupos dirigentes com relação às necessidades da maioria da população de seus países. A cooptação das elites dirigentes dos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos pelo grande capital, dissemina a corrupção e compromete a estabilidade e a credibilidade das instituições nacionais e com isso a própria soberania do país.

Por outro lado, para as populações de baixa renda em geral, para milhões de indivíduos marginalizados do processo produtivo e do consumo, para os párias, os despossuídos e o lumpesinado, a globalização não deve fazer muito sentido.

Para esses milhões de indigentes na África, na Ásia e na América Latina, que não tem acesso aos produtos "high-tech" e à rede mundial de informática e que permanecem alienados das conquistas científica, dos mecanismos de controle do poder econômico e do conhecimento (informações); que não têm acesso ao mercado de consumo, ao mercado formal de trabalho, o fenômeno da globalização certamente tem (se é que percebem) um aspecto ameaçador ou algo mágico, com relação aos seus tradicionais modos de vida.

Para o trabalhador que está inserido nas bordas do sistema, o advento da automação industrial, na busca de qualidade e competitividade, significa menos emprego. Com a difusão da tecnologia avançada, milhares de profissionais tornaram-se obsoletos; a anterior necessidade de altas especializações conflita com a tendência globalizada das multifunções; o artesão é esmagado pela automação. O sistema globaliza a *mais valia* e o trabalhador, para sobreviver, é jogado na insegurança do mercado informal.

O estado e a globalização

Para os países desenvolvidos, que apresentam uma estrutura econômica e política mais forte e estável, a globalização implica em garantia de maiores mercados de consumo em escala planetária, bem como dos mercados de produtos primários. Significa também o controle dos mecanismos econômicos (preço, intercâmbio e produção), moeda forte, controle das informações e dos organismos financeiros mundiais.

Com tudo isso, apoiados nos mecanismos de defesa dos seus parques industriais, através de leis de reserva ou de acordos, mantêm o alto padrão de vida de suas populações e o monopólio da tecnologia de ponta.

Para os países em desenvolvimento ou os subdesenvolvidos, a globalização significa maior endividamento, perda do controle sobre seus recursos naturais e o poder de barganha no competitivo mercado internacional.

Com isso, esses países aprofundam suas contradições internas, aumentam sua dependência em relação aos organismos financeiros internacionais e corporações bancárias privadas dos países ricos, sujeitam-se ao controle de suas moedas nacionais e a especulação internacional do câmbio e do mercado de capitais, implicando no enfraquecimento de suas soberanias como nações livres.

A imposição de regras neoliberais aos governos destes países implica no estabelecimento do Estado Mínimo. A esse Estado neoliberal cabe um mero papel de mediador das políticas sociais e econômicas, sobrando-lhe a responsabilidade da segurança do Estado e das relações externas no âmbito de Governos. A vida econômica e social, através das privatizações, sofre o mínimo de interferência do Estado neoliberal. A saúde, a educação, a seguridade social são cada vez mais geridas pela iniciativa privada, bem como a pesquisa e os setores estratégicos como o da energia, dos transportes e das comunicações, desobrigando o Estado de investir nesses setores.

Todo este quadro já é realidade e se concretiza cada vez mais nos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Com isso, há um agravamento, de modo alarmante, da pobreza de grandes contingentes populacionais, formando verdadeiros "*bantustões*" de miséria rodeando poucas "*ilhas de excelência*".

Dentro deste contexto perverso e contraditório, aliado ao enfraquecimento do poder político e conseqüentemente do Estado, com a imposição do modelo de consumo capitalista e o sucateamento dos meios de produção nacionais, milhões de trabalhadores são afetados diretamente. Cresce, assim, o desemprego e o subemprego e, em razão disso, as estatísticas demonstram um aumento exponencial da violência e da criminalidade em todo os níveis.

A globalização e o quadro sociocultural nos países do 3º mundo

A "modernidade" globalizada impõe uma visão cultural única. Através da mídia criam-se necessidades de consumo, acessíveis apenas a uma minoria privilegiada.

Em países de grandes dimensões territoriais, como o Brasil, há uma paulatina destruição de suas riquezas culturais regionais. A diversidade cultural é substituída por um padrão cultural único, mais fácil de controlar e manipular. É a cultura única como modelo de vida, do consumo ao modo de falar e vestir, comer e se relacionar.

A reação a tudo isto é o surgimento de movimentos radicais, sob a bandeira étnica ou nacionalista, muitas vezes recheados de matizes racistas e de conseqüências imprevisíveis.

Devido aos espaços deixados pelo Estado, cresce o poder marginal das mafias vinculadas ao narcotráfico internacional, penetrando seus tentáculos em todo corpo social, inclusive nos organismos do próprio Estado Nacional, agravando a corrupção e enfraquecendo a ordem social.

A globalização, moldada num sistema que visa o lucro e a acumulação de riqueza, vem aprofundando aceleradamente as contradições. O fosso entre ricos e pobres, no estrato social, está claramente expresso no espaço construído, consubstanciando-se em espaços segregados, sejam eles no mundo urbano ou no mundo rural. A deterioração do nível de vida das populações de baixa renda é patente na baixa qualidade da educação oferecida, nos índices negativos da saúde, na falta de moradias dignas e no saneamento básico inadequado.

A ausência de cidadania é, assim, resultado da deseducação das populações carentes, produto da baixa qualidade do ensino oferecido pelo Estado, que não investe na escola, desmotiva e deprecia o professor.

Os efeitos deletérios deste triste quadro se revelam na perda dos valores nacionais, na falta de ética, no individualismo

exacerbado, no vandalismo, na depredação ambiental e no crime contra os direitos da pessoa.

Outro efeito da globalização é o desmonte da ciência e da pesquisa nos países em desenvolvimento, expresso no sucateamento das Universidades e centros científicos. O financiamento da produção científica e cultural é cada vez mais privatizado e direcionado ao utilitarismo do mercado.

A globalização e o meio ambiente

Nos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, a concentração fundiária e a expansão da agroindústria exportadora aniquila o pequeno e o médio produtor rural, expulsa o homem do campo e o êxodo rural provoca o inchamento dos espaços urbanos. As *favelas*, os *guetos*, as *callampas*, as *barriadas* esparramam-se em terrenos de topografia inadequada para a ocupação urbana, sujeitos que estão aos desmoronamentos, às enchentes e as áreas destinadas à preservação ambiental.

A paisagem urbana das grandes cidades nos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos nos oferece a imagem característica do que nos espera a era da globalização neste terceiro milênio da Era Cristã. SCHUMACHER (1982: 185) escreve que "*a doença onipresente do mundo moderno é o total desequilíbrio entre cidade e campo, em termos de riqueza, poder, cultura, atração e esperança. A cidade expandiu-se excessivamente e o campo atrofiou-se. A vida urbana converteu-se em imã universal, enquanto a vida rural perdeu o sabor. Entretanto, subsiste a verdade inalterável de que, tanto quanto a mente sã depende de um corpo sã, também a saúde das cidades depende da saúde das áreas rurais*".

Nos países desenvolvidos a degradação ambiental é igualmente assustadora, a despeito do que possamos imaginar em contrário. A poluição também se globaliza, pois não conhece fronteiras nem barreiras alfandegárias. Nesses países ricos o maior problema ainda é a emissão de poluentes para a atmosfera, como a

emissão do CFC (Clorofluorcarbono) que destrói a camada de ozônio do planeta que nos protege da radiação UV do Sol.

Os EUA, por exemplo, estão entre os maiores poluidores do planeta. Leis severas tiveram que ser impostas para frear a devastação das florestas temperadas pela indústria madeireira e a emissão de poluentes na atmosfera pelos complexos industriais. Com a globalização, há uma reordenação e distribuição pelo mundo da produção fabril das grandes corporações industriais e com isso redistribuem-se também as fontes de poluição. Esses grandes conglomerados e corporações industriais delegam aos países em desenvolvimento a produção industrial "suja", enquanto aos países ricos reservam-lhes a indústria "high-tech", não poluidora, ou concentram ali sua face pós-industrial, onde exercem o controle financeiro, a publicidade e o planejamento das unidades de produção, estas sim, situadas nos países em desenvolvimento. Contudo, nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, um dos mais sérios problemas ambientais relaciona-se com os recursos hídricos, cada vez mais escassos, poluídos, inadequadamente usados ou mal gerenciados.

Outros sérios problemas relacionados com o meio ambiente também não foram ainda resolvidos pelos países desenvolvidos. Como explica SCHUMACHER (op. cit.: 132): *"Nenhum grau de prosperidade justificaria o acúmulo de vastas quantidades de substâncias acentuadamente tóxicas que ninguém sabe como tornar 'seguras' e que permanecerão como um perigo incalculável para a criação inteira por eras históricas ou mesmo geológicas"*. Desta maneira, os países ricos globalizam também o seu lixo nuclear. Envia-no para os países pobres do 3º mundo, para armazenarem em algum "lugar remoto" ao preço de uma compensação financeira ou um aluguel.

Mas, não só o nuclear, mas outros tipos de lixo preocupam também os ambientalistas no mundo inteiro. Tudo isso está relacionado ao modelo dominante na economia que impõe a cultura do consumo desenfreado, do supérfluo e do desperdício. O Capitalismo exige cada vez mais a expansão dos mercados

consumidores, a devora dos recursos naturais não renováveis e a taxação e privatização dos recursos renováveis, em especial nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Como o objetivo é sempre o lucro, mesmo que a despeito da fome que assola de forma epidêmica ou endêmica imensos contingentes humanos, em especial nos países do 3º mundo, desperdiçam-se milhões de litros de leite jogados fora, abatem-se milhares de aves domésticas, incinerando-as e enterrando-as em imensas fossas ou deixam de prover a colheita de milhares de frutas que acabam por apodrecer nos pomares. Tudo isso tão somente para conseguir ou para manter os preços de mercado, no insano jogo de oferta e da procura. Mais assustador ainda é a ameaça do controle, pelas grandes corporações transnacionais, da biodiversidade, principalmente nos países em desenvolvimento ou subdesenvolvido. Esta tentativa de privatização da natureza caracteriza o estentor, o ápice, como escreveu SANTOS (op.cit.), da exploração objetivada do capitalismo globalizado e da pauperização total dos povos que ainda vivem à margem do sistema, como os povos da floresta.

A globalização e o quadro psicossocial nos países do 3º mundo

É lugar comum falar que estamos vivenciando um momento histórico marcado pela violência, pelo desprezo da vida humana, pela insensibilidade social dos governantes, resultando na intranquilidade e insegurança das pessoas. Junte-se a isso a perda de referências morais e éticas, o aumento das doenças degenerativas, o ressurgimento de males tidos como erradicados, mas também o crescimento das patologias psíquicas, como o stress, a depressão e todo tipo de paranóias e psicoses.

Contudo, muitos críticos do problema admitem que nada disso é novo. Que não há provas seguras capazes de relacionar esses sintomas psicossociais com a globalização, pois que sempre existiram tais sintomas ao longo do processo histórico.

Afinal, houve corrupção, violência, doenças de todo o tipo e a insegurança pessoal, seja no Império Romano, no período

medieval ou no início da Revolução Industrial, em plena Era Moderna.

Não há como discordar destes fatos mencionados, porém, hoje entendemos que existem certos fatores que devem ser considerados e que fazem a diferença. Por exemplo, a questão da escala do fenômeno "globalização", já mencionado anteriormente, a difusão das comunicações e o poder da imagem, uma tecnologia bélica relativamente barata e de fácil acesso, só para citar alguns.

Assim, não há como negar que, hoje, experienciamos algo e em tal dimensão e complexidade nunca antes vivenciado em toda a história da humanidade.

Se no Ano Mil de nossa Era, havia cerca de 300 a 400 milhões de habitantes em toda a Terra, hoje passamos da marca do 6 bilhões de indivíduos. Assim sendo, quaisquer catástrofes naturais (sejam terremotos, enchentes ou furacões) ou quaisquer eventos humanos considerados negativos (como as guerras, as epidemias e os surtos de fome) que assolem uma determinada região do planeta, hoje, provocarão enormes prejuízos materiais, financeiros além de consideráveis perdas de vida, por mais que a tecnologia possa minimizar tais fatos.

Portanto, não é inconseqüente a insatisfação e a revolta observadas não somente entre a população dos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, mas também, cada vez mais, entre a população dos países desenvolvidos. Nestes últimos, notadamente entre os jovens, há uma onda crescente de protestos contra a política dos seus governos, considerada injusta aos pobres e danosa para todos, indistintamente.

Por outro lado, a intranqüilidade, a instabilidade e a insegurança geradas de perspectivas tão sombrias são acrescidas por outros temores, com ou sem fundamento, reais ou imaginários: terrorismo, seqüestro, invasão da privacidade, desemprego, etc. e de um vazio existencial. Este conjunto de fatores, não raro, instiga ou obriga o indivíduo a buscar conforto e segurança (espiritual ou psíquica) no seio dos numerosos grupos, seitas ou organizações de cunho político ou religioso. No rastro do milenarismo surgiram

centenas destes grupos ou seitas cristianizadas ou de orientação mística, fanatizadas ou não na crença do fim dos tempos ou na chegada de uma Era de Ouro (Era de Aquário). Embasados numa fé muitas vezes intolerante, atribuem à globalização, à tecnologia e aos avanços científicos a causa dos males que assolam a humanidade. Por outro lado, muitos desses grupos ou organizações não se marginalizam, muito pelo contrário, acompanham as tendências do sistema dominante. Os mais bem sucedidos transformam-se em fortes grupos econômicos, internacionalizados, com ramificações na indústria e nos serviços. Vale lembrar que, comumente, a massa de adeptos dessas organizações, que compõem os níveis inferiores da hierarquia, permanecem alheios das atividades dos seus superiores.

Comentários finais - vislumbres

Será a globalização um fenômeno irreversível e avassalador que ditará, neste Terceiro Milênio, a forma predominante do pensamento, o modelo de vida e o direcionamento da humanidade?

Qual será o destino dos povos e comunidades que estão à margem do sistema globalizado, imposto pelo capitalismo internacional? Qual será o futuro deste imenso contingente humano que não tem acesso à globalização? Serão aniquilados pela fome, pelas guerras intestinas, pelas epidemias mortais? Terão eles forças para manter suas culturas (muitas delas milenares), o seu modo tradicional de vida e sobreviver a margem da "modernidade" de um mundo globalizado?

Qual será o impacto da ação dos descontentes com este modelo de globalização, embasado no capitalismo? Um número cada vez mais expressivo de pessoas, em todo o mundo, se posiciona contra as características perversas da economia globalizada. Isto é um fato. Há uma crescente articulação popular, nas comunidades ricas ou pobres, no sentido de lutar pelos direitos do indivíduo e pela maior consciência de cidadania. De grupos

isolados passaram, hoje, a se fazerem ouvir nos fóruns internacionais.

Entre esses grupos, destacam-se os de defesa do meio-ambiente e os dos direitos humanos. Após árduas lutas, têm conseguido impor suas idéias no âmbito das políticas dos Estados Nacionais e nos organismos mundiais.

As idéias que objetivam humanizar as relações entre os Estados e conscientizar o homem dos perigos de como ele vem se relacionando com a natureza começam a sensibilizar contingentes cada vez maiores de pessoas, por todo o mundo. Cresce a idéia de que é preciso fazer algo, urgentemente, para reverter a destruição do planeta ou acabar com a exploração dos ricos sobre os pobres.

Ainda que timidamente, porém, vislumbra-se uma reação. Urge pois rever velhos conceitos, como "*progresso*", "*prosperidade*", "*acumulação de riqueza*", "*modernidade*".

Talvez tenhamos alcançado o "*ponto de mutação*" a que se referiu CAPRA (1986), pois que, como sentencia SCHUMACHER (op.cit.: 139), "*O caminho será cada vez pior e redundará em desastre, a menos que desenvolvamos um novo estilo de vida compatível com as necessidades reais da natureza humana, com a saúde da natureza viva que nos cerca e com a dotação de recursos do mundo em que vivemos*".

Aí sim, a globalização fará sentido, de fato, para toda a humanidade.

Bibliografia

- ALFVÉN, K. & ALFVÉN, H. **Aonde vamos? - Realidade e destinos da Humanidade**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- ANDRADE, Manuel Correia. **Imperialismo e fragmentação do Espaço**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- ASKIN, I.F. **O problema do Tempo - sua interpretação filosófica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- CAPRA, F. **O Ponto de mutação**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- DUMONT, René. **A Utopia ou a Morte**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

- Enciclopédia do Mundo Contemporâneo.** São Paulo; Círculo do Livro, 1986.
- CONTI, Laura. **Ecologia - capital, trabalho e ambiente.** São Paulo: Publifolha/Terceiro Mundo, 1999.
- HARRISON, Lawrence E. **Subdesenvolvimento é um estado de espírito: a questão latino-americana.** Rio de Janeiro: Record, 1985.
- LORENZ, Konrad. **A demolição do Homem - crítica a falsa religião do progresso.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço.** São Paulo: Nobel, 1988.
- MARTINEZ, Paulo. **Multinacionais - desenvolvimento ou exploração?** 5ª ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único a consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SCHUMACHER, E.F. **O Negócio é ser pequeno.** São Paulo: Zahar/Círculo do Livro, 1982.
- SINGER, Paul. **O capitalismo - sua evolução, sua lógica e sua dinâmica.** São Paulo: Moderna, 1990.

